



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

ISABELLY DE SOUZA DINIZ

**REDES SOCIAIS E RACISMO: NOVAS VISIBILIDADES A PARTIR DO
MOVIMENTO #MEURACISTASECRETO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2019**

ISABELLY DE SOUZA DINIZ

**REDES SOCIAIS E RACISMO: NOVAS VISIBILIDADES A PARTIR DO
MOVIMENTO #MEURACISTASECRETO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE – PB
2019**

ISABELLY DE SOUZA DINIZ

REDES SOCIAIS E RACISMO: NOVAS VISIBILIDADES A PARTIR DO
MOVIMENTO #MEURACISTASECRETO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Mídia e estudos culturais.

Aprovada em: 25/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Verônica Almeida de Oliveira Lima
Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ada Kesea Guedes Bezerra
Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos
Profa. Dra. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, Livramento e ao meu pai Givonaldo, pelo apoio na busca de uma vida melhor por meio da educação, DEDICO.

“Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar...”

(Antonio Machado)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	TEORIAS RACISTAS E EUGÊNICAS.....	09
3	REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES SEGREGADORAS E PRECONCEITUOSAS.....	13
4	MATERIAL E MÉTODO: CASO #MEURACISTASECRETO	15
5	ANÁLISE DAS MENSAGENS DO MOVIMENTO.....	17
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS	24

REDES SOCIAIS E RACISMO: NOVAS VISIBILIDADES A PARTIR DO MOVIMENTO #MEURACISTASECRETO

SOCIAL NETWORKS AND RACISM: NEW VISIBILITIES FROM THE MOVEMENT #MYSECRETRACIST

Isabelly de Souza Diniz¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar de que forma as redes sociais estão sendo usadas como espaços de manifestações segregadoras e preconceituosas, mas também de engajamento e ativismo das minorias, explanando como o preconceito já está enraizado na sociedade a partir da visibilidade do movimento #meuracistasecreto. Para tanto, conceituamos raça e racismo, realizamos um breve histórico do período escravocrata no Brasil e como as teorias eugênicas fomentaram o racismo. A classificação da pesquisa é exploratória e descritiva, usando o procedimento de estudo de caso. Para amostra do estudo foram selecionados *posts* da rede social Twitter no dia 1 de outubro de 2018, que utilizaram a *hashtag* #meuracistasecreto, trazendo casos de racismo disfarçados de opinião. Como resultado, comprovamos a existência do racismo à brasileira instaurados em situações do cotidiano da sociedade.

Palavras-chave: Redes Sociais; Racismo; Teorias Raciais.

ABSTRACT

The work aims to analyze how social networks are being used as spaces of segregating manifestations and prejudiced, but also of minority engagement and activism, explaining how prejudice is already rooted in society from the visibility of the movement #mysecretracist. To do so, we conceptualized race and racism, carried out a brief history of the slave-owning period in Brazil, and how eugenic theories fostered racism. The classification of the research is exploratory and descriptive, using the case study procedure. To sample the study were selected posts from the social network Twitter on October 1, 2018, which used the hashtag #mysecretracist, bringing cases of racism disguised as opinion. As a result, we prove the existence of racism to the Brazilian established in everyday situations of society.

Keywords: Social Networks; Racism; Racial Theories.

¹ Graduanda de Jornalismo. Email: isabellydini@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)² constatou que a maioria da população brasileira é formada por negros e pardos, totalizando 97 milhões de pessoas que se auto declararam, de um total de 190 milhões. De acordo com Schwarcz (1993), no século passado o Brasil já era considerado um país miscigenado, pois no censo feito em 1872, a população negra e mestiça representava 55% do total.

Os dados do IBGE mostram a predominância da etnia de pretos e pardos, porém de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA³), que mapeia os homicídios no Brasil, a cada 100 pessoas assassinadas no país, 71 são negras, e afirma que os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças. Um exemplo é o estado de Alagoas em que 80,5% da taxa de homicídios são de negros, e apenas 4,6% são de não negros.

Será que a justificativa da alta taxa de homicídios dos negros em relação a outras etnias, é apenas por serem a maioria da população do Brasil? De acordo com a nota⁴ técnica dos dados do Atlas da Violência de 2019, os autores Daniel Cerqueira e Rodrigo Leandro de Moura responsáveis pela pesquisa, afirmam que “o negro é duplamente discriminado no Brasil, por sua situação socioeconômica e por sua cor de pele. Tais discriminações combinadas podem explicar a maior prevalência de homicídios de negros vis-à-vis o resto da população”.

O racismo ainda é visto pela sociedade como uma parte da história já superado, e nessa insistência para provar que o racismo não existe, nos deparamos com o preconceito sutil, ou seja, um tipo de preconceito suave que passa despercebido no nosso cotidiano.

Nos dias de hoje o racismo ganhou um meio digital de se proliferar, as redes sociais estão sendo usadas para compartilhamentos de mensagens explícitas e implicitamente preconceituosas, ao mesmo tempo em que também são usadas pelas minorias como ferramentas de manifestações para combater esse preconceito.

² Disponível em:

<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/tabelas_pdf/tab3.pdf>. Acesso em 17 jun 2019.

³ Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=730>. Acesso em 17 jun 2019.

⁴ Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/131119_notatecnicadiest10.pdf> Acesso em 25 Jun 2019.

O nosso histórico ligado a escravidão ainda nos afeta de forma negativa de acordo com Munanga (2016). A partir desses pressupostos, evidenciou-se uma necessidade de abordar e divulgar, porque o Brasil é um país cheio de desigualdades sociais e como a nossa história desde a colonização reflete na nossa sociedade de hoje.

Diante do exposto, é objetivo deste trabalho analisar as manifestações de preconceitos implícitas e explícitas nas redes sociais, a partir do movimento #meuracistasecreto, problematizando a forma como as redes sociais estão contribuindo para expor o racismo cordial no Brasil.

Para isso este artigo contará com 3 tópicos. No primeiro se analisa como as teorias raciais e eugênicas foram essenciais para a fomentação do racismo no Brasil. Para tal, o termo raça foi definido apresentando sua origem na biologia, que é designada para classificar os seres vivos, os categorizando por suas diferenças físicas como raça superior ou inferior. Dessa forma, enfatizou-se porque os movimentos sociais usam o termo “étnico racial” ao invés de raça negra. E finalizando o primeiro capítulo problematizando o nosso objeto de estudo, discutimos a definição e levantamos a discussão sobre a negação da sociedade brasileira a existência do racismo.

O segundo tópico explana-se como as redes sociais ajudaram a interligar milhões de pessoas, aproximando as que estão distantes geograficamente, criando os chamados laços sociais, ao mesmo tempo em que são usadas para amplificar retóricas racistas e segregadoras.

Já o terceiro tópico é referente a metodologia usada para analisar o nosso *corpus*, mostrando como as redes sociais estão sendo usadas para expor o que chamamos de racismo cordial, seja ele por meio de manifestações explícitas e/ou implícitas de preconceito, evidenciando que o racismo está presente na nossa sociedade, mesmo sendo exaustivamente negado. Para tanto, usamos o método de estudo de caso, como forma de aprofundar o conhecimento sobre o assunto, analisando 10 *posts* compartilhados via rede social Twitter, que fizeram uso da *hashtag* #meuracistasecreto no dia 01 de outubro de 2018, movimento que expôs casos de racismo cordial, ou seja, um racismo sutil muitas vezes disfarçados de opinião. A classificação da pesquisa foi definida como exploratória e descritiva, pois relacionou episódios de racismo do cotidiano estabelecendo uma familiaridade com

o problema, e ao mesmo tempo descreveu com detalhes os fatores que contribuíram para fomentar esse tipo de preconceito.

2 TEORIAS RACIAIS E EUGENICAS

O Brasil foi base de estudo sobre as teorias racistas compiladas por cientistas estrangeiros⁵, que tinham o intuito de comprovar a hierarquização social para classificar as diferentes raças humanas mostrando, por meio de teorias científicas, que o negro classificado como raça inferior são seres inaptos para o desenvolvimento, e isso impossibilitava o progresso do país. Tais teorias levaram em consideração características como seu fenótipo, o processo histórico e sua poligênia, isso dava veracidade a teoria de que o negro era incapaz de ter desenvolvimento intelectual. Essas características mostravam o seu alto nível de inferioridade em relação ao homem branco, que em contrapartida era conhecido como um conquistador pelos acontecimentos históricos da época. De acordo com Skidmore (1976), a palavra raça foi utilizada por cientistas como forma de classificar quem pertencia a uma raça superior ou inferior.

Segundo Skidmore (1976), no século XIX se estabeleceu três escolas principais da teorização racista: a primeira foi a escola etnológica-biológica que afirmava que as raças humanas tinham sido criadas na forma de diferentes espécies, chamada de poligênia, que separava as raças pela suas diferenças físicas em relação aos brancos; a segunda teoria era a escola histórica que se baseava no processo histórico das raças anglo saxã para mostrar a superioridade da raça branca; e, a terceira é a escola do darwinismo social, em que se definia no processo evolutivo de uma única espécie, em que se sobrevive o mais apto, ou seja, as raças superiores se sobrepujam as inferiores.

As teorias do racismo foram manipuladas de acordo com os objetivos da elite brasileira, sendo utilizadas como forma de inferiorizar os negros, utilizando-se de argumentos científicos e históricos com intuito de conscientizar a população que essas pessoas seriam para sempre inferiores, e que isso acarretava no atraso do desenvolvimento do país. Do mesmo modo Skidmore (1976) relata que na Europa

⁵ O autor o autor Skidmore (1976) cita os pensadores como Henry Thomas Buckle, Arthur Gobineau, José Ingenieros e Louis Agassiz, que para justificar o crescimento econômico, e político da Europa começaram a apresentar explicações científicas, pelas quais o Brasil com sua mistura de raças não conseguia ter o mesmo sucesso.

era bastante difundida a inferioridade do negro e do índio, e do ponto de vista racista esse era o motivo pelo qual os portugueses não conseguiam progredir como os europeus.

O uso dessas teorias fomentou ainda mais o preconceito racial no Brasil e beneficiou os portugueses, pois eles transferiam a culpa da falta de progresso econômico do Brasil para os negros, invalidando a má administração, e, ao mesmo tempo justificava a escravidão de seres que nunca iriam progredir intelectualmente, então era como se os colonizadores estivessem fazendo um bem a humanidade colonizando uma raça tão inferior.

O termo raça segundo o dicionário Aurélio⁶, é utilizado na biologia para classificar as espécies de seres vivos, sua origem vem do latim *ratio* que significa categoria. O seu uso para categorizar os seres humanos por suas diferenças fenotípicas, fomenta a teoria racista da poligênia, e essas particularidades irão sustentar a ideia da existência de uma separação entre raça superior da inferior.

A categorização do ser humano foi bastante utilizada pela ideologia nazista. Hitler usou o termo raça se referindo ao contexto biológico, classificando a supremacia da raça ariana, excluindo o que ele considera como raça inferior do convívio da sociedade:

O ditado: "o negro fez a sua obrigação, pode se retirar", possui infelizmente uma significação profunda. Durante milênios, o cavalo teve que servir e ajudar o homem em certos trabalhos nos quais agora o motor suplantou, o que dispensou perfeitamente o cavalo. Daqui a poucos anos, este terá cessado toda a sua atividade. No entanto, sem a sua cooperação inicial, o homem só dificilmente teria chegado ao ponto em que hoje se acha. Eis como a existência de povos inferiores tornou-se condição primordial na formação de civilizações superiores, nas quais só esses entes poderiam suprir a falta de recursos técnicos, sem os quais nem se pode imaginar um progresso mais elevado. A cultura básica da humanidade se apoiou menos no animal domesticado do que na utilização de indivíduos inferiores. Só depois da escravização de raças inferiores é que a mesma sorte tiveram os animais, e não "vice-versa", como alguém poderia pensar. É certo que foi primeiro o vencido, e só, depois dele o cavalo, que puxou o arado. (HITLER, 2016, p. 161)

Conforme explanado o termo raça no sentido biológico, agora é possível compreender, o porquê, os movimentos sociais utilizam o termo étnico racial, ao invés de raça negra. A diferença é que de acordo com Munanga (2016) o termo junto "étnico racial", faz conotação ao pertencimento histórico de gerações anteriores de seu grupo social, em um contexto histórico e político, se desvinculando da ideologia biológica.

⁶ Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/raca>>. Acesso em 25 jun 2019.

O racismo consiste na aversão ao comportamento e características físicas de outros grupos sociais com o sentimento de superioridade levando ao indivíduo a demonstrar atitudes depreciativas para se mostrar um ser superior. Para Munanga (2016), pessoas racistas têm repulsa pelo fenótipo de outros indivíduos que não compartilham das características da raça superior, ou seja, por não seguir o padrão estabelecido pelas teorias racistas, o indivíduo diferente é excluído da sociedade:

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato dos olhos etc. Ele é o resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso foram as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial. (MUNANGA, 2016, p. 179)

A construção da identidade da sociedade brasileira foi baseada na aversão das características do negro, fazer parte dessa sociedade racista leva algumas pessoas a se questionarem sobre sua beleza, resultando preconceito na própria formação da personalidade do brasileiro. Um exemplo que me chamou bastante atenção na minha infância, foi o meu irmão de etnia negra, que chegou a passar mais de uma hora no banho, pois queria tirar a tinta do corpo para ficar branco igual ao meu pai. Hoje, é comum ver crianças alisando o cabelo, por considerá-lo “ruim”. Então, nesse momento nos perguntamos: como pode uma criança já ter a mentalidade de que tendo uma pele mais clara a deixará mais bela, ou que seu cabelo é “ruim”?

De acordo com Munanga (2016, p. 81), o racismo no Brasil é diferente de outros contextos, pois o brasileiro nega insistentemente que ele exista, e por causa dessa negação, ele se propaga ainda mais nas “mentalidades e nas condições sociais e educacionais dos negros”. O exemplo acima citado, confirma que para o racismo existir não é preciso falar em voz alta, mas é propagado no pensamento e ações resultantes deste. Por isso, nesse trabalho serão abordados exemplos que fomentam o racismo sutil no cotidiano.

Segundo Guimarães (1999), o racismo à brasileira ou cordial vem a partir da formação de nossa identidade. Por isso é importante a discussão sobre o racismo, para que possamos desmistificar esse paradigma fenotípico, estabelecido por um governo colonizador de uma sociedade desigual que fomentou a ideia de que quem não está dentro do padrão se torna um ser inferior.

O racismo cordial ou racismo à brasileira, é um tipo de racismo “sutil”, com mensagens impregnadas de preconceitos implícitos. Fonseca (2012) ampliou a discussão do racismo à brasileira, avaliando, por meio das piadas, destacando como seu discurso informal propicia preconceitos e discriminações raciais. O racismo está tão enraizado na sociedade que não percebemos como ele afeta a nossa identidade etnocultural, e como o racismo sutil acaba sendo reproduzido por nós próprios, passando despercebido no inconsciente. Ele sofre transformações na sua tipologia, mas não deixa de ser racismo.

O racismo, a despeito de todas as leis antidiscriminatórias e da norma politicamente correta da indesejabilidade do preconceito na convivência social, apenas sofreu transformações formais de expressão. Não é posto nem dito, mas pressuposto nas representações que exaltam a individualidade e a neutralidade racial do branco – a branquitude – reduzindo o negro a uma coletividade racializada pela intensificação artificial da visibilidade de cor e de traços fenotípicos alidados a estereótipos sociais e morais. (CARONE, 2014, p. 23)

O racismo à brasileira é direcionado ao grupo de pessoas que suas características físicas diferem do grupo dominante, ou seja, qualquer pessoa que tiver a cor ou fenótipos de origem afrodescendentes não se enquadra na sociedade do branqueamento, sinônimo de progresso e sucesso. No Brasil o racismo é considerado crime de acordo com a Lei 7.716 chamada de Lei Caó⁷, mesmo assim não inibe que as mensagens preconceituosas sejam disseminadas nas redes sociais.

De acordo com Munanga (2016) existem dois tipos de racismo: o individual e o institucionalizado. O racismo na forma individual se estabelece no dia a dia, por meio de agressões verbais e físicas chegando, em casos extremos, a resultar em mortes. Já o racismo institucional, ocorre quando os negros são excluídos do contexto social. Um exemplo visível desta situação, é a falta de representatividade negra na televisão. Não é comum, por exemplo, atores negros nas novelas ocupando altos cargos, poucos são os casos em que o negro é representado como alguém de sucesso. No jornalismo, esta situação se repete. Recentemente, a jornalista da Rede Globo de Televisão, Maria Júlia Coutinho, ganhou repercussão por ter apresentado o Jornal Nacional no dia no dia 16 de fevereiro de 2019, e se tornar a primeira mulher negra a apresentar o referido telejornal. A forma institucional do racismo, como se vê, é mais camuflada, onde o próprio estado ajuda

⁷ Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm > Acesso em 25 jun 2019.

a fomentar essa discriminação. O autor Cavalheiro (2001), ajuda a definir as pessoas que estimulam, ainda mais, o racismo:

[...] o racismo mais tóxico é aquele internalizado e institucionalizado, proveniente de pessoas com censo de moralidade, bem-intencionadas e pessoas religiosas. A pessoa que sofre racismo não causa sua condição. O que acontece na verdade é que agentes na posição de dominação e poder subjugam os menos afortunados. (CAVALHEIRO, 2001, p. 25)

As manifestações preconceituosas estão cada vez mais presentes no nosso dia a dia, o que difere da discriminação, uma vez que a discriminação é baseada na ideia de raças e ocorre quando um indivíduo não é tratado por suas características individuais próprias, e sim a partir do grupo que lhe foi imputado. A discriminação racial tem como base a desconstrução da identidade negra. Já o preconceito, é a crença nos atributos baseados na teoria de raças, conforme Guimarães (2004) explica:

Por outro lado, o preconceito seria apenas a crença prévia (preconcebida) nas qualidades morais, intelectuais, físicas, psíquicas ou estéticas de alguém, baseada na ideia de raça. Como se vê, o preconceito pode manifestar-se, seja de modo verbal, reservado ou público, seja de modo comportamental, sendo que só nesse último caso é referido como discriminação. (GUIMARÃES, 2004, p. 18)

As redes sociais possibilitam uma abrangência maior de interação entre indivíduos que possuem os mesmos conceitos e preconceitos, fator esse que contribuiu para a aproximação de pessoas tão distantes pela geografia, mas próximas em um espaço aberto e seguro para expor tanto opiniões preconceituosas e segregadoras, como manifestações de combate a esse mesmo preconceito e a discriminação. Portanto, uma rede que pode aproximar até as mais distantes pessoas do mundo, ao mesmo tempo, ajuda a criar um distanciamento de ideias e opiniões contribuindo para segregação da sociedade.

3 REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES SEGREGADORAS E PRECONCEITUOSAS

Segundo Recuero (2014), as redes sociais são estruturas de agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem grupos sociais. Para Parente (2013), é um vínculo de um elemento com um todo, assim as redes sociais na internet são como pontes de comunicação que interligam milhares de pessoas em todo mundo compartilhando ideias e causas, que constroem laços sociais que ajudam a criar empatia e fomentando o poder das redes online. Segundo Santaella

(2010) para se entender a importância da mudança trazida pelas redes sociais é necessário saber como funciona a dinâmica desses laços sociais.

As pessoas estão percebendo que não necessariamente precisamos apenas da mídia tradicional para que determinado assunto seja alvo de notícia, já que a grande massa não detém poder sobre ela. Por isso as redes sociais estão sendo usadas como uma nova ferramenta de comunicação, onde a elite e o governo que detém o controle dos grandes canais de comunicação, não sabem e ainda não tem como interferir em sua autonomia, essas deram voz a quem não tinha, e ouvidos aos que pensavam serem surdos.

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada. Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se (CASTELLS, 2012, p. 7)

As pessoas começaram a entender que sua voz tem eco nesse novo espaço, as injustiças, corrupções, preconceitos estão sendo expostos, e as minorias estão utilizando ao seu favor como forma de mudar a sua situação social, então essa segurança de expor suas ideias e a grande conexão com milhares de pessoas resultam um novo espaço para os movimentos sociais.

As redes sociais possibilitaram que qualquer pessoa com perfil online tenha a liberdade e segurança de expor o que pensa e acredita. Com o uso contínuo dessa nova ferramenta de comunicação, estes espaços vêm sendo usados tanto para o ativismo dos movimentos sociais, como para difusão de mensagens segregadoras e preconceituosas.

A mensagens segregadoras são aquelas que geram um distanciamento entre indivíduos que não pertencem, por exemplo, a mesma etnia, resultando na fomentação da ideia de uma separação entre os seres. A partir do uso das redes sociais como espaço de mobilização contra esse tipo de atitude, os internautas conseguem se conectar a outros que tem o mesmo raciocínio ou sentimento. Com essa interação e aproximação, cria-se um laço para ambos, o chamado laço social.

Para entender melhor esses laços sociais, Leal (2011) os define como elementos que ligam os indivíduos entre si e, assim, vinculam os indivíduos à sociedade, não importando tipo de vínculo.

Levando em consideração a definição desses laços, é oportuno afirmar que as atitudes preconceituosas no dia a dia e nas redes sociais não estão passando despercebidas pelos atores sociais, pois os movimentos sociais atraem mais pessoas que compartilham das suas ideias, criando laços. Desta forma, foi por meio desse vínculo que os internautas registraram casos que expuseram o racismo cordial a partir do movimento #meuracistasecreto⁸, caso que acabou ganhando enorme repercussão na página do Twitter, no mês de outubro de 2018, devido a abrangência de compartilhamentos, se transformando em viral⁹, trazendo à tona casos de racismo no cotidiano disfarçadas de argumentos de opinião.

Tal conjuntura nos remete a Lévy (1994), quando aborda o conceito de inteligência coletiva. Para o autor, a inteligência coletiva é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências e tem como base o reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas pelo conhecimento. Portanto, diante do preconceito implícito e explícito no cotidiano, fato esse que fomenta o racismo como um dos fatores de desigualdade racial, os movimentos sociais estão cada vez mais ativos como uma forma de inteligência coletiva, usando as redes sociais como meio de combater o preconceito e a desigualdade.

4 MATERIAL E MÉTODO – O CASO #MEURACISTASECRETO

Segundo Gil (2010), pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo obter respostas aos problemas que não são propostos. A pesquisa usada nesse artigo segundo o objetivo apresentado, foi classificada como exploratória e descritiva. Gil (2010) define o objetivo da pesquisa exploratória como “propósito de proporcionar maior familiaridade com o problema, como vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Já para Triviños (1987, p. 109):

⁸ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/meuracistasecreto-entrega-no-twitter-casos-de-racismo-velado-no-brasil/> acesso: 17 de maio de 2019

⁹ Viral é uma palavra designada para conteúdo que são compartilhados e que ganham uma grande repercussão inesperada.

Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de tipo experimental.

De acordo com o conceito, os estudos exploratórios são utilizados quando a busca da pesquisa usa os antecedentes do objetivo proporcionando a aproximação com o problema em questão, para tal, também foi elaborado a pesquisa descritiva que descreveu fatos em comum com o objeto de estudo identificando uma correlação entre ambas:

As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis. [...] Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação. (GIL, 2010, p. 27, 28)

A técnica utilizada na pesquisa foi o estudo de caso, como forma de aprofundar o conhecimento do movimento #meuracistasecreto. Segundo Gil (2010) o estudo de caso tem como objetivo aprofundar a descrição de uma realidade fornecendo assim um estudo aprofundado. Já para Yin (2001), esse estudo é utilizado quando:

[...] os estudos de casos representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. (YIN, 2001, p. 19)

Portanto, esse trabalho se enquadra na classificação exploratória e descritiva, usando o procedimento de estudo de caso, pois relacionou episódios de racismo do cotidiano estabelecendo uma familiaridade com o problema, e ao mesmo tempo descreveu com detalhes os fatores que contribuíram para fomentar esse preconceito, explorando situações da vida real usando como amostra os *posts* da página do Twitter¹⁰, publicados em outubro de 2018, e relacionados ao movimento #meuracistasecreto, que por sua grande repercussão se transformou em um viral.

No dia 1 de outubro de 2018, um dos assuntos mais comentados na rede social Twitter foi a *hashtag* #meuracistasecreto, em que usuários denunciavam por

¹⁰ Twitter é uma rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos.

meio dos compartilhamentos casos de racismo, que muitas vezes apareciam sutilmente mensagens de apoio. Devido à grande quantidade de compartilhamentos, o movimento #meuracistasecreto se tornou um viral, ficando nas primeiras posições do *Trending Topics* brasileiros, ou seja, um dos assuntos mais comentados na rede no Brasil.

O movimento #meuracistasecreto foi escolhido como objeto de pesquisa, pelo fato de ter acontecido no período de 1 de outubro de 2018, gerando uma grande repercussão nas redes sociais, e por englobar as duas questões primordiais desse estudo: os casos de racismo e as redes sociais.

Os casos de racismo compartilhados por meio dessa *hashtag* expôs o racismo cordial, um tipo de racismo que tenta suavizar sua real face, a do preconceito. Nas mensagens compartilhadas, é constatado que o negro é visto como um ser inferior, não tão explicitamente como no período escravocrata, mas como em um período de branqueamento do negro. Portanto, esse movimento ajudou a entender como o racismo está impregnado nas mensagens de argumento ou apoio.

5 ANÁLISE DAS MENSAGENS DO MOVIMENTO

Para o estudo de caso selecionamos para análise 10 *posts* compartilhados via rede social Twitter, que utilizaram a *hashtag* #meuracistasecreto no dia 01 de outubro de 2018. A seleção desses *posts*, foi baseada na leitura de como a imagem do negro foi construída do período escravocrata até os dias de hoje, usando como critério o teor das mensagens dos *posts* como: fenótipo, sexualização da mulher negra, negro com baixo intelecto, embranquecimento do negro, o negro embranquecido, o negro como animal e o racismo reverso¹¹.

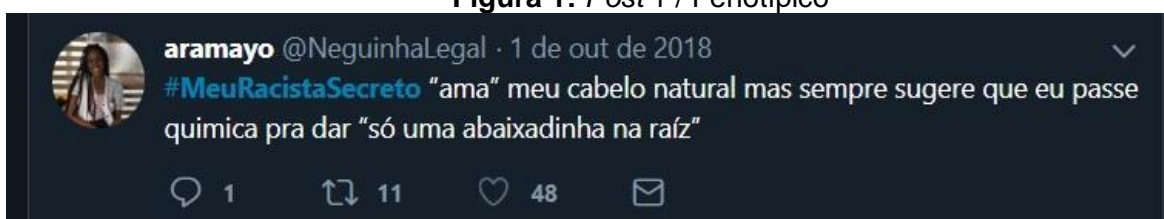
Os critérios utilizados nas escolhas dos *posts*, são fatores que comprovam o racismo sutil, impregnado no cotidiano do brasileiro de tal forma que por muitas vezes sai da nossa boca e nem percebemos. Ele está tão enraizado na nossa história que não percebemos ou não queremos ver como a mulher negra, por exemplo, é erotizada, o negro é marginalizado, na tentativa de embranquecer o negro e ao mesmo tempo exaltar o branco como sinal de superioridade e sucesso.

¹¹ Racismo reverso são atos de discriminação e preconceito das minorias sociais contra a maioria racial ou grupos étnicos dominantes.

Após a seleção dos *posts* com base nos critérios mencionados, realizamos uma descrição das evidências coletadas, identificando dados e informações relevantes para a análise. Por fim, analisamos com base no referencial teórico, convergências e divergências da literatura, já que “os dados não falam por si, devem ser articulados com os referenciais teóricos e pressupostos que norteiam a pesquisa, de modo a compor um quadro consistente” (ZANELLI, 2002, p. 86).

No primeiro *post* selecionado, identificamos uma mensagem que adentra na questão do fenotípico.

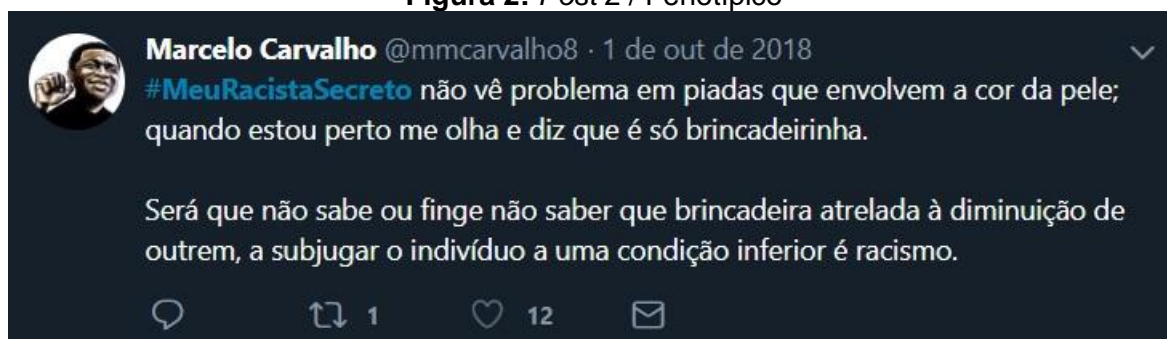
Figura 1: Post 1 / Fenotípico



Fonte: Twitter (2018).

De acordo com a mensagem do *post* 1, percebemos uma relação direta com as características fenotípicas do negro. Neste caso, ao mesmo tempo em que a autora do *post* expõe a relação de amor que alguém tem com o cabelo natural dela, sugere que ela deva dar “uma abaixadinha na raiz”, ou seja, ter o cabelo alisado, em uma tentativa de aproximação das diferenças físicas em relação aos brancos e, ao mesmo tempo rejeição, do seu fenotípico.

Figura 2: Post 2 / Fenotípico



Fonte: Twitter (2018).

No *post* 2, é possível detectarmos como a imagem do negro é objeto de piadas preconceituosas, o inferiorizando para obter risos por suas características físicas. A mensagem reproduzida nesse *post*, reforça a ideia de que a sociedade brasileira tem em negar que o racismo exista, pois se ele não existe, não há porque

se preocupar em incitar piadas que inferiorizem o fenótipo do negro, já que todas etnias tem o mesmo tratamento igualitário na sociedade.

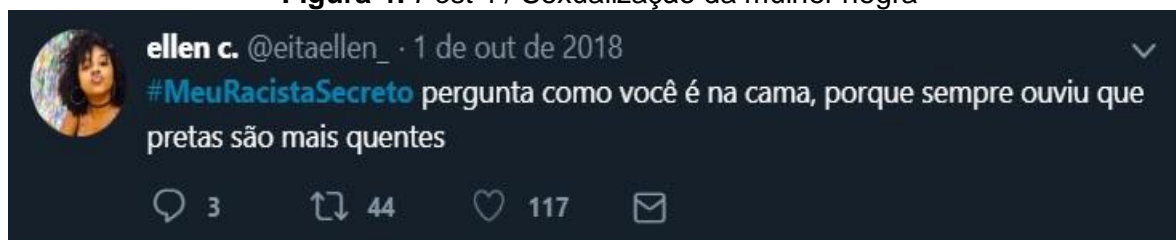
Figura 3: Post 3 / Fenótipo



Fonte: Twitter (2018).

No *post 3*, é denunciado a exclusão da mulher negra na televisão. O *post* levanta a discussão do espaço de inferiorização das mulheres negras, quando personagem de novelas. A segunda teoria racista, enfatiza que a raça branca é superior a negra. Levando para o *post* apresentado, é visível o status que o negro ocupa na escala hierárquica da sociedade. Segundo o IBGE, os negros ainda ocupam cargos inferiores por terem um baixo nível escolar¹².

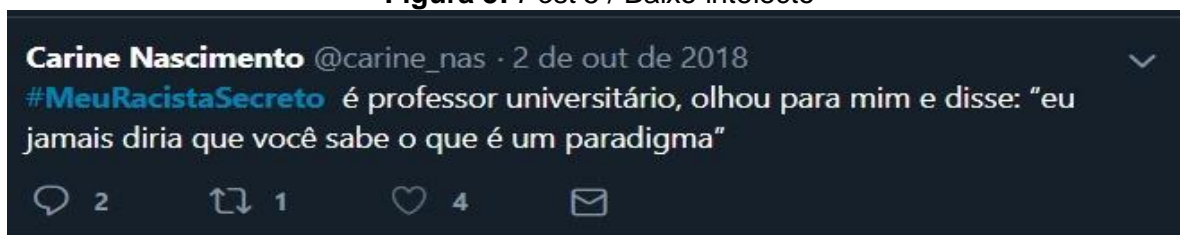
Figura 4: Post 4 / Sexualização da mulher negra



Fonte: Twitter (2018).

No *post 4*, é levantada a questão sexual da mulher, como objeto de desejo e erotização do seu corpo. No período escravocrata, as mulheres negras eram vítimas de abuso sexual pelos seus senhores com finalidade de diversão, chegando a ser valorizada por sua capacidade de procriação. O conceito de erotização da mulher negra, ainda é bastante discutido, diante de toda uma história de inferiorização da mulher e, especificamente, da mulher negra.

¹² Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 16 de junho de 2019.

Figura 5: Post 5 / Baixo intelecto

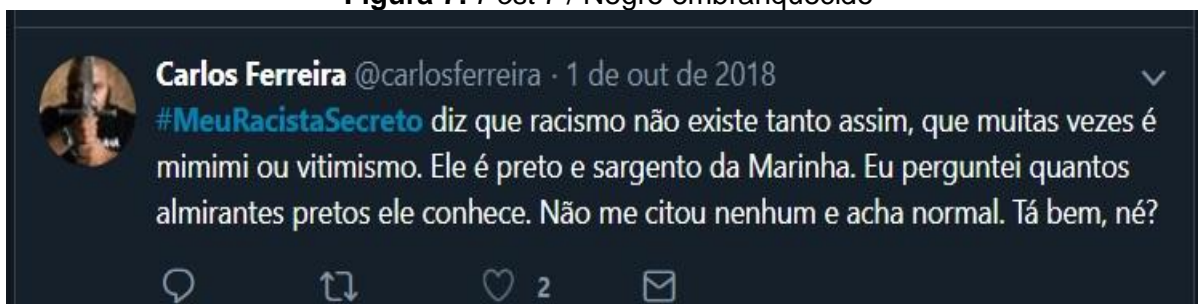
Fonte: Twitter (2018).

O post 5, mostra como a imagem do negro está atrelada ao ser de baixo quociente de inteligência (QI). De acordo com as teorias racistas, os negros não teriam a capacidade de desenvolvimento intelectual, por isso não eram considerados um ser inferior. É possível identificar que mesmo com a abolição da escravatura física, ainda é necessário ter uma abolição da escravatura psicológica.

Figura 6: Post 6 – Embranquecimento do Negro

Fonte: Twitter (2018).

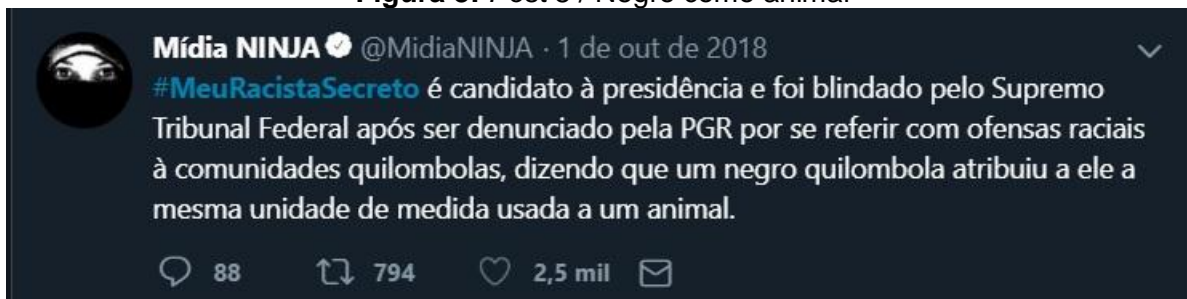
No post 6, é utilizado um exemplo do branqueamento do negro, ou seja, para fazer um elogio é preciso uma comparação ao branco, fomentando a ideia de que o negro em si, só é bom quando comparado as “qualidades” do homem branco. Segundo as teorias racistas a imagem do homem branco, foi construída com base na história dos anglo saxões, conhecidos por serem conquistadores, se transformando no símbolo da raça superior.

Figura 7: Post 7 / Negro embranquecido

Fonte: Twitter (2018).

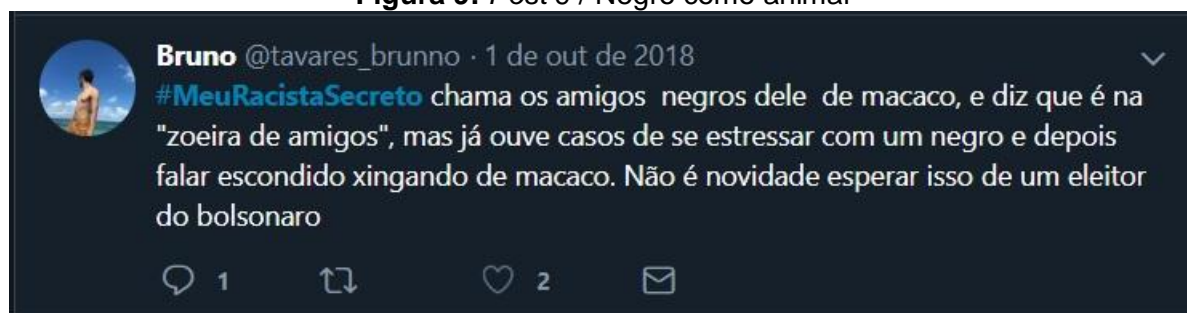
No *post 7*, ocorre uma negação do racismo, isso acontece, pois, a nossa história teve como base uma cultura escravagista que conseguiu desacreditar os próprios negros de sua beleza, gerando para si um preconceito. O conceito de meritocracia em que os mais esforçados sempre conquistam o sucesso, é usado para maquiar as desigualdades sociais resultado de séculos de escravidão.

Figura 8: *Post 8 / Negro como animal*



Fonte: Twitter (2018).

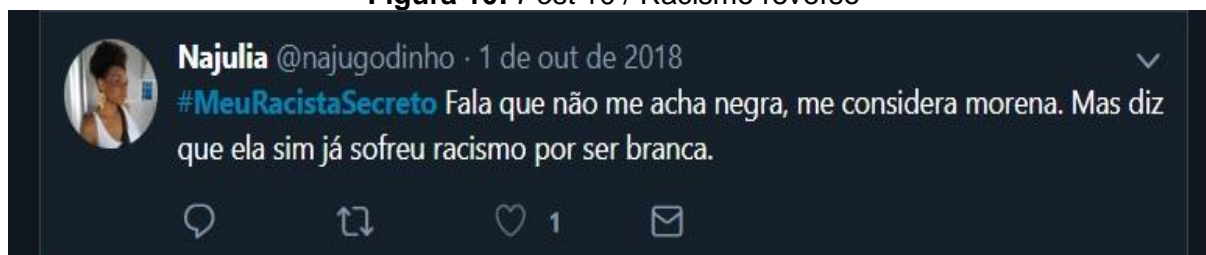
Figura 9: *Post 9 / Negro como animal*



Fonte: Twitter (2018).

No *post 8 e 9*, a imagem do negro é comparada a de um animal como forma de inferiorização. Na teoria da poligênica o termo raça tem sua conotação biológica, se referindo aos negros como ser inferior, demonstrando a mesma conotação de um animal, esse contexto foi bastante utilizado no nazismo em que defendiam uma raça pura.

Figura 10: *Post 10 / Racismo reverso*



Fonte: Twitter (2018).

No último *post* analisado, podemos observar que na tentativa de invalidação do racismo, e na insistência de provar sua ilegitimidade, pessoas de cor branca tentam provar que o racismo reverso existe, ou seja, que os brancos sofrem racismo de pessoas negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar como as manifestações implícitas e explícitas de preconceito racial, se fazem presente na sociedade de hoje, e como as redes sociais se tornaram espaços amplificadores de mensagens preconceituosas e segregadores.

Dos dez *posts* analisados, três se referiam ao fenótipo, demonstrando que para o negro ser belo, é preciso se aproximar das características físicas do branco, pois seus fenótipo de acordo com as teorias racistas, representam sua inferioridade biológica; um se referia a mulher negra como objeto de erotização, assim como no período escravocrata em que as mulheres eram usadas apenas para diversão sexual e procriação; um mostrou a forma como o negro é visto pela sociedade, como uma pessoa incapaz de se desenvolver intelectualmente, pensamento esse resultante da era escravagista; um enfatiza a ideia de que para se fazer um elogio a uma pessoa negra, se deve fazer uma comparação com as “qualidades” do homem branco; um mostra a negação que o próprio negro tem, para em admitir que o racismo exista, usando como justificativa a meritocracia; dois *posts* descreviam a forma como o negro é comparado a um animal, que de acordo com a teoria da poligênia usada para justificar a escravidão, os negros eram classificados como raça inferior; e no último *post* analisamos a tentativa de invalidar o racismo, em que algumas pessoas de etnia branca insistem na ideia de que o racismo reverso exista.

No nosso estudo comprovamos, por meio das mensagens compartilhadas, a forma sutil e velada da presença do racismo na sociedade brasileira. A negação de sua existência foi revelada pelo movimento *#meuracistasecreto* no Twitter, ao expor mensagens que, para alguns, são apenas brincadeiras ou argumentos disfarçados de opinião, mas que tem teor racista.

Portando, esse estudo nos mostrou que é necessário combater o racismo seja ele pelas redes sociais, ou no dia a dia, para que a sociedade compreenda que

não existe um ser humano superior ou inferior, o branco e o negro, e sim, apenas seres humanos independentes de suas características físicas ou cor de pele.

Ainda há muito para discutir sobre o racismo, tendo em vista que as redes sociais se transformaram em o meio de divulgação destas ações, mostrando precisamente as pessoas que não tinham coragem de manifestar diretamente seus preconceitos. Ao mesmo tempo em que essas mesmas redes possibilitaram isso, deram uma certa segurança para que o internauta exponha suas ideias e pensamentos, sem medo de ser confrontado pessoalmente.

Portanto é necessário que entendamos que o racismo existe, seja ele por meio de piadas que inferiorizam o negro por suas características físicas, ou por atitudes no nosso dia a dia que subjugam o negro como ser inferior, pois o racismo está tão impregnado na nossa história que possivelmente não conseguimos compreender como nossa fala e atitudes o ajudam ainda mais a se proliferar.

REFERÊNCIAS

BOOK. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (2,56 min). Publicado pelo canal da PRE-SP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dA8ouTVp4Os>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

BOOK. [s. i.: S. N.], 2018. 1 vídeo (11,39 min). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-mimimi-do-racismo-reverso-por-ana-paula-xongani-e-lili-schwarzc/>>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

CARONE, Iray et al. **Psicologia social do racismo**; estudos sobre branquitude e branqueamento no brasil. 6 ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**; movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALHEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação**; repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

DAVES, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FONSECA, Dagoberto José. **Você conhece aquela?**; a piada, o riso, o racismo a brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito e discriminação**; queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil. São Paulo: Ed. 34, 2004.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

HITLER, Adolf. Minha luta – **Mein kampf**. Disponível em: <<https://sanderlei.com.br/2019C-PDF-Livros-Download/03C/S24/Mein-Kampf-PDF-Adolf-Hitler-pt-BR.pdf>>. Acesso em 10 de junho de 2019

LEAL, Giuliana Franco. **Exclusão social e ruptura dos laços sociais**: análise crítica do debate contemporâneo. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**; por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Global, 2016.

PARENTE, André (Org.). **Tramas na rede**; novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**; comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**; a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SHWARCZ, Lília M. **O espetáculo das raças**; cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**; a pesquisa qualitativa e educação. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**; planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos da Psicologia**, n. 7, p. 79-88, 2002.

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus, pela vida e saúde, estando sempre presente na minha vida.

Aos meus pais, Maria do Livramento de Souza Diniz e Givonaldo Diniz, que não mediram esforços para que eu tivesse uma boa educação, aos meus avós Leni Ferreira e José Diniz da Penha, que sempre estiveram do meu lado me apoiando e incentivando nos estudos e na vida.

À minha orientadora a professora Verônica Almeida de Oliveira, que mesmo contra o tempo aceitou esse desafio de me orientar, por sua paciência, conhecimento, leituras sugeridas ao longo dessa orientação, e sua dedicação só tenho a lhe agradecer.

A meu irmão Leonardo Diniz, minhas tias Mabelle Silva, Rosangela Silva, Carmem Silva e tio Luciano Diniz que sempre me apoiaram e me incentivaram nos estudos, principalmente por ser a primeira da família a ingressar e concluir um curso de graduação.

A Edgley Hermenegildo, pelos momentos e ajuda e apoio no decorrer desses anos, e ao meu filho Miguel Hermenegildo que foi mais um incentivo para concluir esse curso.

Aos meus amigos que estiveram comigo desde antes dessa jornada, e aos que conheci nesse caminho, não citarei nomes para não cometer o erro de esquecer alguém.

A professora Socorro Palitó, que com sua paciência dedicou seu tempo comigo mesmo que eu não tenha concretizado nossa pesquisa, e agradeço por aceitar fazer parte da minha banca examinadora.

Agradeço a professora Ada Guedes por dedicar seu tempo, ao fazer parte da minha banca examinadora.

Aos demais professores do primário, ensino fundamental, médio e da graduação que contribuíram com seu conhecimento para meu aprendizado.

A um amigo, mais como um tio de consideração, o senhor Aderaldo Freire da Silva (in memorian), que ao me escutar dando uma entrevista sobre uma passeata em prol da reforma da escola em que estudava e era representante estudantil na rádio, me incentivou a optar pelo curso de jornalismo. Ele acreditou que eu poderia ir além, e que podia alcançar o sucesso se corresse atrás dos meus sonhos.